



ARTIGO

O CONTO DO NÁUFRAGO (P. HERMITAGE 1115) – TRADUÇÃO COMENTADA¹

Contato

Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira
FCSH – Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna 26-C – Gabinete 612
1069-061 – Lisboa – Portugal

rpereira@fcsh.unl.pt

Thais Rocha da Silva

USP – Departamento de História
Av. Prof. Lineu Prestes, 338 – Butantã
05508-900 – São Paulo – São Paulo
thais.rochadasilva@hmc.ox.ac.uk

 Ronaldo G. Gurgel Pereira²

Universidade Nova de Lisboa
Lisboa – Portugal

 Thais Rocha da Silva³

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil

Resumo

O papiro Hermitage 1115 contém uma das composições literárias mais completas do período faraônico. O texto apresenta a narrativa sobre um marinheiro que naufraga em uma ilha fantástica e, depois de retornar ao Egito, tem a oportunidade de contar sua história na sua velhice. Neste artigo, trazemos uma tradução comentada do *Conto do Naufrago*, com o texto hieroglífico, a transliteração e sua contextualização histórica atualizada sobre a geopolítica egípcia durante o Reino Médio (c. 2055-1650 AEC). Um glossário egípcio-português conclui a obra.

Palavras-chave

papiro Hermitage – egípcio clássico – literatura egípcia – fronteira – Punt.

¹ Artigo não publicado em plataforma *preprint*. Todas as fontes e a bibliografia são referenciadas no texto. Tradução e notas por Ronaldo Gurgel Pereira; introdução de Thais Rocha da Silva e Ronaldo Gurgel Pereira.

² Investigador contratado (DL57/2016/CP1453/CT0023) na FCSH-Universidade Nova de Lisboa. Doutor em Egiptologia pela Universidade de Basel; Pós-Doutor (CHAM-FCSH-Universidade Nova de Lisboa); Onassis Fellow (Universidade do Egeu, Rodos); e CAARI Scholar in Residence Fellow (Nicósia).

³ Doutora em Egiptologia pela Universidade de Oxford. Pós-doutoranda do Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP (Bolsista Fapesp 2020/13319-9) e Research Fellow no Harris Manchester College, Universidade de Oxford.



ARTICLE

THE TALE OF THE SHIPWRECKED SAILOR (P. HERMITAGE 1115) – TRANSLATION AND COMMENTARY

Contato

Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira
FCSH – Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna 26-C – Gabinete 612
1069-061 – Lisboa – Portugal
rpereira@fcsb.unl.pt
Thais Rocha da Silva
USP – Departamento de História
Av. Prof. Lineu Prestes, 338 – Butantã
05508-900 – São Paulo – São Paulo
thais.rochadasilva@hmc.ox.ac.uk

 **Ronaldo G. Gurgel Pereira**

Universidade Nova de Lisboa
Lisboa – Portugal

 **Thais Rocha da Silva**

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil

Abstract

Papyrus Hermitage 1115 contains one of the most complete literary compositions of the Pharaonic period. The text presents the narrative about a sailor who is shipwrecked on a fantastic island and, after his return to Egypt, had the opportunity to tell his story in his old age. In this article, we present a translation and a commentary of the Shipwrecked Sailor, with the hieroglyphic text, the transliteration, and an updated historical context on the Egyptian geopolitics during the Middle Kingdom (c.2055-1650 BCE). An Egyptian-Portuguese glossary concludes the work.

Keywords

papyrus Hermitage – middle Egyptian – Egyptian literature – frontier – Punt.

Introdução⁴

A tradução e o estudo do *Conto do Naufrago* são tarefas inevitáveis para qualquer estudante da língua egípcia clássica (o egípcio clássico ou egípcio médio). No que diz respeito ao exercício da tradução, o texto apresenta um vocabulário rico e estruturas verbais e nominais que fornecem uma base sólida para o avanço no estudo da língua. Sua importância, contudo, não se dá apenas pelo aspecto linguístico. O conteúdo literário expressa valores fundamentais sobre a história e a sociedade egípcia antigas. De fato, a sua popularidade e importância são as razões para a existência das muitas traduções disponíveis, também em língua portuguesa (CARDO-SO, 1998; BRANCAGLION, 2006; CANHÃO, 2012, 2014).⁵

O presente trabalho é resultado de um esforço coletivo durante os anos de 2020 e 2021 para a realização do primeiro curso de língua egípcia clássica online e gratuito no Brasil (PEREIRA; ROCHADA SILVA, 2021). O curso reuniu professores e alunos de 24 instituições brasileiras de todas as regiões do país e incluiu uma universidade argentina. Ele foi promovido pelo Laboratório do Antigo Oriente Próximo da Universidade de São Paulo (LAOP-USP) e pela Universidade Federal de Santa Catarina, ministrado pelos autores deste texto. As vídeo-aulas estão disponibilizadas com acesso aberto no canal do Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA-ANPUH) no YouTube.⁶

Esse projeto teve como objetivo principal suprimir uma deficiência na formação dos pesquisadores brasileiros dedicados à história e à arqueologia do Egito Antigo, que é o treinamento em língua egípcia clássica. A familiaridade com a escrita e a língua egípcia antigas é o que possibilitará que novos pesquisadores não dependam de traduções estrangeiras, seja em espanhol, inglês, francês ou alemão, e possam verdadeiramente se aproximar de uma visãoêmica sobre o Egito Antigo. Mais ainda, problematizar aquilo que foi estabelecido por traduções enviesadas e problemáticas ao longo dos séculos XIX e XX.

⁴ Os nossos agradecimentos aos alunos e colegas que participaram do curso de Egípcio Clássico Avançado em 2021, pela sua dedicação em tempos de tanta incerteza e perdas. Muito obrigados ao nosso estimado colega, Pedro Hugo Canto Nuñez (doutorando em História PPGH/UFRN), pela sua valiosa contribuição na elaboração do nosso mapa.

⁵ Ver: Facuri (2015) e Bakos (2017) para uma discussão sobre as versões brasileiras. Esta obra é a primeira a cruzar versões anteriores numa análise comparativa das traduções em português.

⁶ Introdução ao Egípcio Médio. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLI8rGh6UbR_vOBaIrALDQwiSHSgQ2TleQ. Acesso em: 10 set. 2022. Egípcio Clássico Avançado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TjjvBXefgro&list=PLI8rGh6UbR_v6eR72IjklSXgOP4bbxnNM. Acesso em: 10 set. 2022.

No caso brasileiro, é preciso reconhecer esforços anteriores, como os de Ciro Cardoso e Antonio Brancaglioni, mas que, infelizmente, ficaram limitados geograficamente à região sudeste do Brasil, ou aos seus respectivos alunos de pós-graduação. Com a expansão do número de especialistas na década de 2000 e de novos centros de formação em outras áreas, era necessário criar condições para que esse conhecimento se tornasse acessível e democratizado. O protagonismo da produção lusófona sobre a antiga sociedade egípcia certamente passa pelo estudo do egípcio clássico.

O *Conto do Náufrago* possui três versões brasileiras. A primeira publicação ocorreu em 1998 em tradução bilíngue (CARDOSO, 1998, p. 95-144). A segunda, de 2000, apresenta apenas uma tradução em português, integrada a uma antologia (ARAÚJO, 2000, p. 73-79). A terceira, de 2006, foi editada como uma nova versão bilíngue (BRANCAGLIONI, 2006, p. 161-191).

Em Portugal, o conto foi publicado pela primeira vez em 1901 (ESTEVES PEREIRA, 1901, p. 5-23), embora se trate apenas de uma tradução a partir da versão francesa produzida por Maspero (1882).⁷ Uma tradução portuguesa do original egípcio só foi produzida em 2010 numa tese de doutorado (CANHÃO, 2010a; 2010b). O autor republicou o mesmo texto numa obra autônoma em 2012 (CANHÃO, 2012) e reaproveitou o texto numa antologia em 2014 (CANHÃO, 2014). Todavia, essa versão apresenta incoerências na relação entre a transliteração e a tradução.⁸

Além disso, o autor apoiou uma teoria superada a respeito da localização do país de Punt, ao defender uma proposta antiga e polêmica de que a história se passava no Nilo, e não no Mar Vermelho.⁹ Essa era uma proposta difícil de ser defendida no meio acadêmico (COUYAT; MONTET, 1912, p. 34, n. 114; SAYED, 1977, p. 138-178; KITCHEN, 1982, col. 1198-1201), mas afetou a tradução do conto feita por Le Guilloux (LE

⁷ Como atesta o autor (p. 6), na altura, ainda não estava disponível ao público nenhuma publicação contendo um *facsimile* ou a transliteração do original hieroglífico.

⁸ A sua transliteração não distingue os usos de “()” – acréscimos do egiptólogo; “[]” – propostas de reconstrução; e “<>” – correções de erros do original. Apesar de ter seguido um estilo de transcrição em que não se corrige a escrita defectiva, ocorrem casos pontuais em que correções aparecem marcadas aleatoriamente (linhas 15, 31, 37, 38, 45, 53, 62, 76, 106, 107, 146, 149, 150, 152, 158,...). Às vezes ocorre a transcrição de terminações fracas omitidas no original, sem recurso aos “()”, como nas linhas 12, 25 e 53. Ocorre ainda uma disparidade entre o tratamento dado ao verbo na transliteração e a sua respectiva tradução (linhas 7, 12 e 121).

⁹ Trata-se de um velho revisionismo, proposto originalmente por Herzog (1968) e Nibbi (1976), mas que ganhou força na década de 1980. Propunha-se então que o termo *wꜥd-wr* (o grande verde) era uma forma de se dirigir apenas ao Nilo, nunca ao mar. Ver: VANDERSLEYEN, 1986, p. 75-80; VANDERSLEYEN, 1988, p. 75-80. Canhão (2012, p. 32) reconhece a falta de suporte acadêmico para a proposta, mas opta por respaldar a posição de Vandersleyen.

GUILLOUX, 1996, p. 9).¹⁰ O caso foi encerrado pelo progresso da investigação arqueológica no Mar Vermelho, auxiliada pelas repetidas referências ao “grande verde” no registro epigráfico de oficiais egípcios em serviço na região, como Henu, Ameny, Ankhu e Antefoker (OBSOMER, 2019, p. 7-66).

Este trabalho pretende ampliar o alcance das contribuições lusófonas sobre o tema. Apresenta-se aqui o texto original transcrito para a escrita hieroglífica e uma tradução comentada, do ponto de vista gramatical e estrutural da língua, junto ao debate em torno da interpretação de determinadas passagens. Espera-se que esta versão se torne uma ferramenta para estudantes e professores de egípcio médio em português e promova mais acesso ao seu conhecimento.

A gramática, a terminologia e as convenções de transliteração das palavras aqui adotadas seguem Pereira (2016 [2014]).¹¹ O dicionário adotado foi o de Hannig (2006), com ocasionais consultas comparativas aos dicionários de Bonnamy e Sadek (2010 [2009]), Faulkner (1991 [1962]), e ao *Thesaurus Linguae Aegyptiae* (TLA).

O papiro

O papiro Hermitage 1115 (= P. Leningrad 1115; = P. St. Petersburg 1115) encontra-se em exposição no Museu Hermitage, em São Petersburgo. Ele possui 12 cm de largura por 3,8 m de comprimento. O texto está organizado em colunas (1-123) e passa para linhas (124-176). Finalmente, o texto retorna ao formato de colunas (177-189). Aceita-se que o texto seja datado entre as XI e XII dinastias (Reino Médio).¹²

Vladimir Golénischeff apresentou o papiro à Academia no V Congresso de Orientalistas em 1881. Todavia, o texto só foi publicado integralmente pela primeira vez em 1908, com a sua primeira transcrição proposta por Erman (1908). Golénischeff (1913) propôs uma transcrição hieroglífica própria em um estudo geral sobre os papiros conservados no Museu Hermitage.

Outra transcrição foi publicada por Blackman (1932, p. 41-47). De Buck publicou uma revisão dessa transcrição em 1948 (DE BUCK, 1948, p. 100-106). Essas duas obras





¹⁰ O autor manteve “grande verde”, literalmente, para evitar envolvimento no debate. Canhão reproduz a tradução de Le Guilloux à letra, apesar de ter assumido claramente uma posição no debate (CANHÃO, 2010a-b, 2012, 2014).

¹¹ Este artigo foi feito antes do lançamento da “Leiden Unified Transliteration/Transcription”, nova convenção para transliterações, anunciada no 13th International Congress of Egyptologists, realizado em agosto de 2023 em Leiden. A nova convenção abrange apenas alguns tratamentos dos signos para o /i/, /y/, /i/ e separa os sons /z/ e /s/. Optamos por manter a transliteração original seguindo a bibliografia indicada no artigo, com o intuito de facilitar a consulta dos leitores.

¹² Ver a seção sobre o contexto histórico.

se alternavam como a versão dominante entre os egiptólogos. A de Blackman veio a sofrer um novo ajuste num artigo de Posener (1976, p. 146-148). Atualmente, uma nova transcrição discute o texto original diretamente do hierático, sendo esse o modelo mais atualizado do texto disponível (POE, 2010 [1996]). Dentre as inúmeras versões traduzidas para antologias, destaca-se a de Miriam Lichtheim (1973, p. 211-215).

O texto

O escriba comete erros nas linhas 7, 12, 31, 74, 142 (talvez) e 143. Uma particularidade da ortografia desse escriba é a substituição dos hieróglifos  (D37) e  (D40) pelo  (D36), mais simples. Essa característica foi respeitada na transcrição do texto, mas o glossário do apêndice corrigiu a anomalia para facilitar a consulta dessas palavras em dicionários mais completos. Outra peculiaridade do texto é o uso do pronome dependente de primeira pessoa,  *wj*, num modelo incomum de construção reflexiva (linhas 53, 156 e 161).

O texto é rico em exemplos de formas verbais no estativo e relativas, e de verbos na voz passiva. Esses casos normalmente estão escritos com uma terminação defectiva, o que é útil para testar os conhecimentos gramaticais do leitor.

A transcrição de todos os casos de escrita defectiva está corrigida com o acréscimo de conteúdo entre parênteses.

Sinopse

Uma expedição egípcia fracassada retorna da Baixa Núbia (Wawat). O comandante, receoso por seu futuro, é consolado por um leal membro da corte. Enquanto o navio atraca nos arredores de Elefantina, ele oferece conselhos inspiradores e então lhe conta uma história incrível sobre algo que lhe acontecera no passado.

Tem início, então, o relato sobre uma expedição a uma remota região mineradora. O personagem, agora transformado em protagonista, tornara-se o único sobrevivente de um naufrágio. Enquanto ele explorava uma ilha misteriosa nos confins do Punt, deparou-se com uma serpente mágica gigantesca.

Após se tornarem amigos, a serpente acolheu o náufrago como hóspede na sua então chamada “Ilha do Ka”, até que ocorresse o seu resgate por uma outra expedição egípcia. O relato é concluído com a chegada do protagonista à corte faraônica, onde ele reporta a sua experiência. O faraó recebe os presentes da serpente e o náufrago é generosamente recompensado.

Ao final do relato fantástico, o leitor é transportado para o presente narrativo, retornando para o cenário inicial do navio aportando em Elefantina e para os esforços do protagonista em consolar o seu líder.

A Ilha do Ka

A Ilha do Ka é um espaço idealizado, geograficamente distante e inacessível, onde se constrói retoricamente uma proposta social, política e espiritual. O contato com a ilha ocorre nos confins do mundo conhecido, num país semilendário e exótico (KITCHEN, 1982, col. 1198-1201). Os relatos heróicos, os espaços monstruosos e as interações com o sobrenatural ocorrem com maior frequência em narrativas ambientadas em fronteiras simbólicas, sempre associadas ao mar ou a acidentes geográficos particulares (ALBUQUERQUE, 2010, p. 50 ff.; MARTINEZ, 1999, p. 243-279).

Um forte simbolismo da ilha está ligado ao mito da criação e ao momento em que emerge o monte primordial e o deus Tatenen. Ilhas também são representações comuns na descrição do além (ALTENMÜLLER, 1975, p. 321 ff.; FAULKNER, 1972, p. 91 ff.).¹³ A Ilha do Ka, enquanto fronteira transcendente, está situada entre os mundos físico e espiritual e é guardada por uma serpente demoníaca.¹⁴

Um demônio-guardião está “aprisionado” ao espaço que protege, seja ele no mundo material ou imaterial, possivelmente por obediência ao desígnio de um deus de quem é vassalo (EDWARDS, 1960). Assim, fica aqui proposta a leitura de um possível nome/epíteto, “Governante do Punt”, referido na linha 151. Ele poderia descrever uma delimitação física do domínio da serpente e o espaço que limita a sua mobilidade enquanto guardião espiritual.

A natureza ambígua da serpente se reflete na palavra egípcia para “veneno” (*mtw.t*), que é também empregue para “esperma” (HANNIG, 2006, p. 396). Uma vez que é o seu esperma que traz a morte, contrariamente ao que ocorre com os demais seres vivos, uma tênue separação entre vida e morte faz da serpente uma criatura de natureza imprevisível e contraditória. A serpente pode representar igualmente forças negativas e positivas (STEGBAUER, 2019). Os poderes do demônio-guardião condizem com essas características. Paralelamente ao veneno de uma serpente que queima quando inoculado e provoca febres na sua vítima, a serpente do conto pode lançar chamas pela sua boca (linhas 70-73).

A natureza da poderosa serpente Governante do Punt é um mistério, embora muito se especule a esse respeito. O fato de conseguir criar uma filha com o poder das suas preces (linha 129), demonstra que a serpente possuía um *logos* criativo divino,

¹³ Osiris, por exemplo, habitava na “Ilha de Fogo”.

¹⁴ O termo “demônio” é, na realidade, uma classificação ontológica artificial, criada pelos egiptólogos. Ela abrange, de modo genérico, todo um universo de hierarquias espirituais “menores”, ainda que possuidoras das mais variadas características. De fato, sequer existe na língua egípcia uma palavra específica para “demônio”, embora eles identificassem, individualmente, cada hierarquia de entidades malignas, benígnas e neutras que compõem a categoria egiptológica de “demônio”. Ver: LUCARELLI, 2010; PEREIRA, 2021.

tal como ocorre no mito da criação pelo verbo da “Teologia Menfita” (FLEMING; LOTHIAN, 1997). Essa informação é muito relevante, porque a fronteira ontológica entre deuses e demônios é delimitada pela premissa de que os demônios não possuiriam a capacidade de criação. Assim, o Governante do Punt não seria um mero demônio-guardião a serviço de uma divindade, mas sim a manifestação de um aspecto de uma divindade criadora. Um caso similar ocorre no *Livro da Vaca Celeste*, em que o demônio Sekhmet é, na verdade, um aspecto da deusa Hathor (HORNUNG, 1982).

Especula-se uma conexão entre a serpente e o deus Rá. Na linha 127, a serpente menciona que a ilha era habitada por 75 serpentes, número que descreve os aspectos do deus na “Litania de Rá” (PIANKOFF, 1964; DERCHAIN-URTEIL, 1974, p. 101). Se a serpente for um aspecto de Rá, confirma-se a proposta de Derchain-Urteil de que a filha criada pela serpente era, de fato, uma referência à deusa Maat (DERCHAIN-URTEIL, 1974, p. 83-104).

A geopolítica egípcia na fronteira meridional

As campanhas de conquista do Wawat iniciam-se no reinado de Mentuhotep II (XI dinastia, ca. 2055-2004 a.C.) e seguem com os governantes da XII dinastia. Senusret I (ca. 1956-1911 a.C.) estabeleceu a fronteira em Buhen, e Senusret III (ca. 1870-1831 a.C.) expandiu o Egito até Semna. A presença egípcia na região exigiu o estabelecimento de uma fronteira fortificada na área de Semna, criada durante o reinado de Senusret III.¹⁵

Uma complexa estrutura administrativa também viabilizava as rotas de longa distância para o sul do Mar Vermelho. A sua logística dependia de portos intermediários estabelecidos ao longo do Deserto Oriental. Um porto estratégico naquela área foi Tjau (*tj³cw*), a Myos Hormos da documentação greco-romana (atual el-Quseir) (PEACKOK *et al.*, 2011).¹⁶ Uma rota terrestre, de aproximadamente 200 km, percorre todo o *wadi* Hammamat, ligando aquele porto a Coptos (*gbtjw*).¹⁷

A rota terrestre do *wadi* Hammamat tornou-se um recurso epigráfico importante para a documentação desse tráfego, graças ao grande número de grafites deixados pelas expedições através de séculos de uso da trilha. Estima-se que essa rota

¹⁵ Os “Despachos de Semna” documentam a movimentação de tropas, circulação de pessoas e da logística administrativa do complexo de três fortificações estabelecidas na garganta de Semna, durante o reinado de Senusret III. Ver: SMITHERS, 1945, p. 3-10.

¹⁶ Ver: Strabo (Geographica XVI, 4-5).

¹⁷ Strabo (Geographica XVII, 1-45) menciona a continuidade de um sistema de pequenas estações com cisternas (*hydremata*) ao longo do *wadi* Hammamat como suporte logístico às caravanas entre o Mar Vermelho e Coptos.

para o Punt¹⁸ tenha sido estabelecida no Reino Médio, no final da XI dinastia, sob o governo de Mentuhotep III, em ca. 1996 a.C.¹⁹

A conexão terrestre com o Mar Vermelho integrava as navegações na região mineira do Sinai e portos de escala mais próximos da capital (TALLET, 2015, p. 31-72). Desses portos, Mersa Gawasis tornou-se particularmente relevante para o comércio com o Punt (OBSOMER, 2019, p. 7-66). Os grandes navios para lá destinados eram construídos em secções em Coptos (*gbtjw*) e Qena (*š3bt*), incluindo velas de linho, cordames de cânhamo, pranchas, mastros etc., e transportados em seções para Mersa Gawasis através do *wadi* Hammamat ou do *wadi* Safaga.²⁰ Em seguida, os navios eram armados e equipados para as expedições.²¹

As expedições para o Punt incluíam o comércio com populações locais (negociações lideradas pelo emissário) e a atividade mineira (MANZO, 2017, p. 87-108; BARD; FATTOVICH, 2018). Possivelmente, as “Minas do Soberano” referidas no conto são uma alusão a um lugar denominado “Minas de Punt” (*bj3.w pwn.t*), ligada à extração de ouro. O registro epigráfico no Mar Vermelho aponta esse termo pela primeira vez numa inscrição da XII dinastia, no porto egípcio de Mersa Gawasis (SAYED, 1977, p. 176).²²

Quando o termo “Minas de Punt” ocorre na estela do emissário Ameny, ele refere-se ao local onde uma grande expedição marítima desembarcou nos tempos de Senusret I (ca. 1956-1911 a.C.) (FAROUT, 1994, p. 144; FAROUT, 2006, p. 44-45; TALLET, 2009, p. 695). A expedição de Ameny incluía o seguinte contingente:²³

- 50 seguidores do Senhor v.p.s – *šmsw n nb cnh(.w) wd3(.w) snb(.w) 50*

¹⁸ Ainda não há consenso sobre a localização precisa de Punt nas fontes egípcias. De fato, há uma vasta bibliografia dedicada à questão. Assim, para recomendar alguns autores em adição à bibliografia discutida nesta obra, o tema pode ser aprofundado com TATERKA, 2019, 2021; e SERVAJEAN, 2022.

¹⁹ Trata-se da data da inscrição mais antiga do Reino Médio até então, registrada pelo intendente Henu durante o oitavo ano de governo do faraó Mentuhotep III. Ver: COUYAT; MONTET, 1912, p. 34. Inscrição n. 114.

²⁰ Ver o mapa de situação (Figura 1).

²¹ Para o relato de Antefoker, ver: SAYED, 1977, p. 138-178. Essa epigrafia é revista em: FAROUT, 2006, p. 43-52. Para evidências das marcas em escrita hieroglífica em pranchas de madeira orientando a montagem das partes de um navio, ver: BARD; FATTOVICH, 2007.

²² O local é mencionado na estela de Ameny (ano 24 do reinado de Senusret I). Ver: SAYED, 1977, p. 150-169, n. 19. Trata-se de uma localidade no deserto de Atbai, a porção sudanesa do litoral do Deserto Oriental. Ver: SAYED, 2003, p. 432-439.

²³ Segundo a estela de Antefoker, no ano 24 do reinado de Senusret I, Mersa Gawasis possuía um grupo de trabalho de 3.760 pessoas. Ver: SAYED, 1977, lâmina 16, linhas 9-10; TALLET, 2015, p. 54 ff. A inscrição da capela de Ankhū registra a partida de uma expedição para o Punt no primeiro mês do Peret, no ano 24 de Senusret I (SAYED, 1977, p. 157, lâmina 13, fig. 2). Mersa Gawasis foi um porto proeminente para as viagens ao Punt durante toda a XII dinastia (TALLET, 2015, p. 57-59 ff.).

- 1 intendente do Grande Conselho v.p.s – *j m j - r (̃) - p r n d̃ d̃ . t (̃ . t) ̃ n h (. w)*
w d̃ (. w) s n b (. w) 1
- 500 marujos da equipagem do Senhor v.p.s – *̃ n h n (̃) t . t n . t n b ̃ n h (. w)*
w d̃ (. w) s n b (. w) 500
- 5 escribas do Grande Conselho – *s ̃ n d̃ d̃ . t ̃ . t 5*
- 3.200 soldados – *̃ n h n n j w . t 3200*

Uma lista de navios com nomes basilo fóricos em honra a Senusret I indica que, na XII dinastia, os egípcios intensificaram sua conexão comercial com a região de Punt (FAROUT, 2006, p. 48). A descoberta de uma série de *ostraca* e etiquetas de jarros em Mersa Gawais confirma um aumento no fluxo de gêneros alimentícios egípcios no Mar Vermelho a partir dessa época, tendo como função prover as expedições destinadas ao país de Punt (SAYED, 2008, p. 267-334).

O *Conto do Náufrago* também contribui para a compreensão da logística dessas navegações na rota de Punt. Uma vez que a serpente profetiza o resgate do náufrago precisamente após quatro meses (linha 118) e por uma tripulação conhecida (linha 121), há uma sugestão de que o trânsito no Mar Vermelho estaria associado a grupos de trabalho sazonais.

Figura 1
Mapa de situação



Fonte: © Pedro Hugo Canto Nuñez, Setembro de 2022.

Leitura comentada



*dd.jn*²⁴ *šmsw jqr wdj*²⁵

E assim falou o seguidor²⁶ valoroso: “tome



jb=k h3tj-c m=k ph.n=n

o teu coração, (oh) líder!²⁷ Veja!²⁸ Nós alcançamos



*hnw šsp(.w)*²⁹ *hrpw*

a pátria, o malhete está sendo firmado,



*hwj*³⁰ *mnj.t h3t.t rdj.t(j)*³¹

o poste de amarração batido, e a corda de proa (está sendo) entregue

²⁴ Forma narrativa sequencial *sdm.jn=f*.

²⁵ Imperativo.

²⁶ Lit.: “seguidor”, “acompanhante”, no sentido de integrar o séquito real e acompanhar o faraó nos seus deslocamentos pelo Egito e, eventualmente, para o estrangeiro.

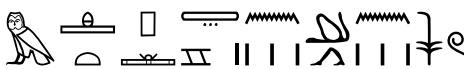
²⁷ Às vezes, o título é traduzido como governador, príncipe, prefeito, dentre outras possibilidades, dependendo do contexto. O título também se aplica para administradores de complexos, como fortalezas e portos. A escolha para o texto é simplesmente “líder” (da expedição), uma vez que não há qualquer preocupação em informar maiores detalhes sobre a posição desse personagem. Nessa construção, a palavra *h3t.t* (frente) refere-se a tudo aquilo que possui proeminência, que está à frente.


²⁸ A partícula *m=k* atua como um marcador de frases que reiteram, confirmam ou reforçam a realidade de uma declaração previamente enunciada. Optei por tratar a partícula como uma interjeição (em exclamativas) nas linhas 2, 10 e 182. A mesma partícula é tratada como uma pergunta retórica nas linhas 108 e 159. Finalmente, utilizei a tradução mais literal, “eis (que)”, nas declarativas das linhas 113, 117 e 167.


²⁹ Forma *sdm.w=f* passiva (está firmado) ou estativo (está sendo firmado).


³⁰ Infinitivo: “o bater do poste de amarração”.


³¹ Estativo: “estando situado”. Pode-se traduzir essa forma verbal de outras maneiras. A regra geral estabelece que o estativo implica numa ação menor que ocorre ao mesmo tempo que outra, mais importante.


11 
*m-htp ṽ=n ph=n sw*³⁹
em segurança e a nossa terra, nós a alcançamos!

12 
*sḏm*⁴⁰ *r=k*⁴¹ *n=j ḥṣtj-c jnk šw*⁴²
Agora, ouça-me, (oh) líder! Eu não estou exagerando.⁴³

13 
*ḥṣw jꜥj tw jmj*⁴⁴
Lava-te, põe

14 
*mw ḥr ḏb.c.w=k jḥ*⁴⁵ *wšb=k*⁴⁶
água sobre os teus dedos. Em breve deverás responder

15 
*wšd.t(w)=k*⁴⁷ *mdw=k*⁴⁸ *n*
ao ser inquirido.⁴⁹ Deverás falar para

16 
*nswt jb=k m-c=k*⁵⁰
o rei o teu coração (estando) contigo!⁵¹

³⁹ Um caso de prolepse. Lit.: “Em segurança, a nossa terra, nós alcançamos ela”.

⁴⁰ Imperativo.

⁴¹ Partícula. Ela torna o imperativo mais amistoso, como uma recomendação.

⁴² Trata-se do verbo 2-lit estar vazio. Canhão (2010b, p. 141) translitera-o como o verbo 3-inf *šwj* (estar seco). Apesar de não haver um “j” no texto hieroglífico, a sua tradução menciona o verbo correto.

⁴³ Lit.: “Eu estou vazio de exagero (*ḥṣw*)”.

⁴⁴ Imperativo.

⁴⁵ Partícula proclítica. Como marcador, ela implica a ocorrência de uma ação futura.

⁴⁶ Subjuntivo.

⁴⁷ Forma passiva: *sḏm.tw=f*.

⁴⁸ Subjuntivo empregado como imperativo (assume um teor de recomendação).

⁴⁹ A expedição para o Wawat serve apenas como um cenário para contextualizar e introduzir a narrativa do naufrago.

⁵⁰ Preposição composta “com” (*m-c*), lit: na mão.

⁵¹ Lit.: “O teu coração na tua mão, controlado”. O conselho refere-se a responder com convicção.



wšb=k⁵² nn njjt⁵³ jw r(3) n s

Responda sem gaguejar, pois a boca de um homem



nhm=f⁵⁴ sw jw mdw=f

pode salvá-lo e a sua fala



(r)dj=f⁵⁵ t3m n=f hr

pode conceder-lhe uma indulgência.⁵⁶



jr(j)=k⁵⁷ m hr.t-jb=k

Faça como quiseres!



swrd⁵⁸ pw dd n=k sdd=j⁵⁹ rf⁶⁰

É desgastante falar contigo! Mas, ainda assim, eu contarei



n=k mjtt jrj hpr⁶¹ m-c=j

para ti a respeito de algo similar acontecido

⁵² Subjuntivo como imperativo.

⁵³ Partícula negativa *nn* + infinitivo (aqui, um radical verbal no padrão ABCBC numa onomatopeia): “sem gaguejar”; “sem balbuciar”. Ver a linha 54 para uma comparação com um caso similar.

⁵⁴ Subjuntivo.

⁵⁵ Subjuntivo.

⁵⁶ Lit.: “a sua fala vela-lhe a face”.

⁵⁷ Na verdade uma forma imperfectiva (ação habitual): fazes/faça sempre como queres/quiseres/queiras.

⁵⁸ Radical verbal causativo.

⁵⁹ Radical verbal causativo.

⁶⁰ Partícula enfática (mas, então, assim,...).

⁶¹ Particípio.

46 

rd.wj=j r rh⁹⁹ (r)dj.t¹⁰⁰ m r(3)=j
para procurar o que comer¹⁰¹

47 

gm(j).n=j d3b¹⁰²
e encontrei figos e uvas

48 

j3rr.t¹⁰³ jm j3q.t nb.t šps.t
lá, bem como todos os vegetais da melhor qualidade:

49 

k3.w jm hn^c nq^c.wt¹⁰⁴
figos verdes de sicômoro e também figos maduros,¹⁰⁵

⁹⁹ Verbo auxiliar.

¹⁰⁰ Infinitivo. Outra possibilidade viável seria uma forma relativa perfectiva *rdj.t(=j)*.


¹⁰¹ Lit.: “para saber o que colocar na minha boca”.

¹⁰² Um caso de falso plural. Na construção egípcia das linhas 47-48, lê-se: “figo, uva e todo tipo de vegetal da melhor qualidade”.

¹⁰³ Outro caso de falso plural.


¹⁰⁴ Essa passagem apresenta os vegetais no plural.

¹⁰⁵ Os figos de sicômoro maduros ficam abertos como uma flor desabrochada. Em comparação, os figos verdes aparentam o formato de um botão fechado (KEIMER, 1928, p. 49-97). Canhão (2010b, p. 143) traduz a passagem como “figos de sicômoro entalhados (...) figos de sicômoro não entalhados”. Cardoso (1998, p. 116) usa “frutos do sicômoro com e sem entalhe”. Talvez se trate de uma tradução literal do inglês “notched”, dada por Lichtheim (1973, p. 215, n. 2). Por outro lado, Araújo (2000, p. 75, n. 6) opta por manter os termos em egípcio, com a adição de uma nota descritiva. Brancaglione (2006, p. 166) traduz a passagem apenas como “figos de sicômoro maduros”, ignorando a presença dos verdes.

50 
*šsp.(w)t mj jr(j).t(w)=s(n)*¹⁰⁶ *rm.w*
e melões¹⁰⁷ como se tivessem sido preparados.¹⁰⁸ (Havia) peixes

51 
jm hn^c ʒpd.w nn nt.t
lá e também aves. Não havia o que não

52 
*nn st m-xnw=f aHo.n*¹⁰⁹
existisse lá no seu interior.¹¹⁰ Logo,

53 
*ssʒ(j).n(=j) wj*¹¹¹ *rdj.n=j r tʒ*
eu me satisfiz e dei para a terra

54 
*n*¹¹² *wr hr^c.wj=j šdj.t=j*¹¹³ *dʒ*
os que eram pesados para os meus braços.¹¹⁴ Eu então preparei uma broca de arco,¹¹⁵

¹⁰⁶ Forma passiva *šdm.tw=f*. O original tem “melão” (*šsp.t*) no singular (falso plural): “um melão que parecia ter sido cultivado/preparado”. Para manter a coerência com a passagem da linha anterior (e com a da linha seguinte), a frase foi tratada como um plural. Por isso o pronome sufixal *=s* precisou ser passado para o plural *=sn* e assim manter-se a concordância.

¹⁰⁷ *Cucumis melo*. Muitas traduções tratam o termo como “pepino”, o que é anacrônico, visto que os pepinos só foram trazidos para o Egito no período greco-romano. De fato, em Hannig (2006, p. 904) sequer existe a opção de “pepino”. Bonnamy e Sadek (2010 [2009], p. 646) apresentam o termo com a opção entre “pepino” ou “melão do Nilo”. Faulkner (1991 [1962], p. 272) oferece a opção “pepino” ou “*cucumis melo*”. Cardoso (1998, p. 116), Araújo (2000, p. 75), Brancaglioni (2006, p. 166) e Canhão (2010b, p. 143) traduzem a palavra como “pepino”.

¹⁰⁸ Ou “cultivados”.

¹⁰⁹ Verbo auxiliar.

¹¹⁰ Lit.: “Não havia aquilo que não existia lá no seu interior”.

¹¹¹ Pronome dependente atuando como reflexivo. Ver as linhas 156 e 161.

¹¹² Preposição empregada como conjunção “porque”.

¹¹³ Forma *šdm.t=f* narrativa.

¹¹⁴ Lit.: “aquilo que estava pesado sobre os meus braços”.

¹¹⁵ Utensílio em formato de arco usado para fazer fogo manualmente, por fricção.



shpr.n=j h.t jr(j).n=j
fiz fogo e concedi



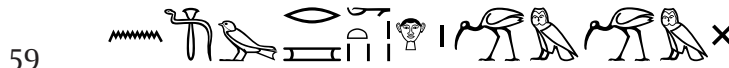
sb-n-sd.t n ntr:w h.c.n¹¹⁶ sdm.n=j
uma queima de oferendas¹¹⁷ aos deuses. Ai eu escutei



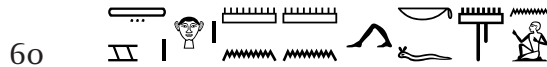
hrw qj
um estrondo,¹¹⁸



jb.kwj¹¹⁹ w3w pw
pensando que era uma onda



n w3d-wr ht.w hr gmgm¹²⁰
do mar... (Mas,) as árvores (estavam) a se partir



t3 hr mnmn¹²¹ kf(j).n=j
e a terra a tremer. Eu então descobri

¹¹⁶ Verbo auxiliar.



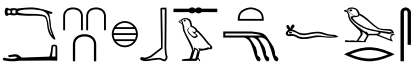




¹¹⁷ Oferendas de ossos e gordura animal, queimados num pequeno altar (aqui, um improvisado pelo náufrago).

¹¹⁸ Lit.: “o ruído da tempestade”.

¹¹⁹ Estativo: “estando pensando”.

¹²⁰ Construção pseudoverbal: *hr* + infinitivo. Mais um verbo formado a partir de uma onomatopeia (ver linha 17). O verbo faz referência ao ruído provocado pela quebra de coisas. Nesse texto, refere-se ao som dos troncos e galhos das árvores sendo partidos. Repare no padrão de repetição do radical (desta vez, ABAB), característico para marcar uma repetição ou enfatizar uma ação.

¹²¹ Construção pseudoverbal: *hr* + infinitivo.

- 61 
hr=j gm(j).n=j hf³w
o meu rosto e avistei uma serpente¹²²
- 62 
pw jw=f m.jj.t¹²³ n(j)-sw¹²⁴
que estava a se aproximar: Ela media
- 63 
mḥ 30 ḥbsw.t=f wr s(j)¹²⁵
30 cúbitos de altura e a sua barba era maior
- 64 
r mḥ 2 ḥ^cw=f shrw
do que 2 cúbitos! O seu corpo era revestido
- 65 
m nbw jnj.fj¹²⁶ m ḥsbd-
com ouro! As suas sobrelhas eram lápis-lazúli
- 66 
m^{3c} r^cq(.w)¹²⁷ sw r-ḥn.t
genuíno! Ela estava se inclinando para a frente
- 67 
jw wp(j).n=f r(3)=f r=j jw=j
e abriu a sua boca para mim, (enquanto) eu estava

¹²² Observe que “serpente” é um substantivo masculino em egípcio. Cardoso (1998, p. 117) optou por traduzir “serpente” como “dragão” para preservar o gênero masculino da narrativa. Contudo, isso esvazia a personagem do seu simbolismo ambíguo e da sua possível relação com o deus Rá, conforme debatido na introdução à obra.

¹²³ Construção pseudoverbal: *m* + infinitivo.

¹²⁴ Construção possessiva.

¹²⁵ Construção adjetiva: adjetivo + substantivo ou pronome dependente.

¹²⁶ Terminação dual masculina.

¹²⁷ Estativo: “estando inclinado”.

74  sic

*mdw=k n=j nn wj hr sdm*¹³⁴
“Tu falas comigo,¹³⁵ (mas) eu não estou a perceber

75 

st jw=j m-b3h=k
isto.¹³⁶ Eu estou diante de ti

76 

*hm.n(=j) wj h.c.n*¹³⁷ *rdj=f wj m*
(Mas,) não sei de mim.” Então, ela apanhou-me com

77 


r(3)=f jtj=f wj r s.t=f
a sua boca, carregou-me até o seu local

78 

n.t sndm
de repouso e

79 

*w3h=f wj nn dmj.t=j*¹³⁸
libertou-me sem me ferir,

¹³⁴ Construção pseudoverbal precedida por sujeito: *wj + hr + infinitivo*. “SIC”: talvez o hieróglifo A1  seja um erro do escriba, ou um caso incomum de determinativo para o verbo “ouvir”. Canhão (2010b, p. 144) propõe a passagem como “*nn wj hr sdm=j*”, mas isso está gramaticalmente incorreto. O infinitivo não pode ser conjugado, logo, a função de sujeito dessa construção está a ser exercida pelo pronome dependente *wj*.

¹³⁵ Trata-se da resposta do náufrago.

¹³⁶ Lit.: “eu ignoro-me”. Algo como: “eu não compreendo o que se passa/não sei onde estou”.

¹³⁷ Verbo auxiliar.

¹³⁸ Partícula negativa *nn + infinitivo*. Lit.: “sem o meu ferir”. O infinitivo não pode ser conjugado.



wd³.kwj¹³⁹ nn jt¹⁴⁰ jm=j
ficando eu ileso e sem marcas em mim.¹⁴¹



jw wp(j).n=f r(3)=f r=j jw=j
Ela abriu a sua boca para mim (enquanto) eu estava



hr h.t=j m-b³h=f
curvado diante dela.



ch^c.n¹⁴² dd.n=f n=j n m jnj tw sp 2
E então, ela disse para mim: “Quem te trouxe? Quem te trouxe,



nds n-m jnj tw r jw pn
pequenino? Quem te trouxe para esta ilha



n w³d-wr ntj gs(.wj)=ff¹⁴³ m nwy
do mar, cujas duas metades¹⁴⁴ estão na água?”

¹³⁹ Estativo: “estando intacto”.




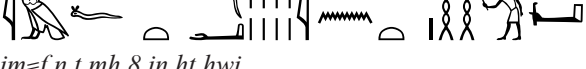
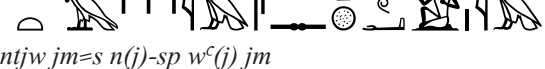
¹⁴⁰ Partícula negativa *nn* + infinitivo.

¹⁴¹ As linhas 76-80 descrevem o início de um pacto de hospitalidade. Em seguida (linhas 83-10), o náufrago conta a sua história para o seu anfitrião. Depois (linhas 111-136) a serpente retribui o náufrago com uma história sobre si e a ilha, e lhe confere formalmente santuário pelo tempo que demorar o resgate. O náufrago promete a compensação pela hospitalidade (linhas 136-148). A serpente pede o seu presente na linha 159 e oferece ao náufrago os seus presentes de despedida (linhas 162-165). Ver os comentários sobre a linha 114.

¹⁴² Verbo auxiliar.

¹⁴³ Observe a omissão da terminação dual em *gs(.wj)=ff*.








¹⁴⁴ Ou: “os dois lados estão na água”. O egípcio pensa em ilhas fluviais. A serpente refere-se ao fato de que, das suas “duas margens” só se pode ver a água. Do mesmo modo, a língua egípcia estabelece o Leste (*j³b.t*) como sinônimo de esquerda e o Oeste (*jmn.t*) como sinônimo de direita, o que só faz sentido porque a premissa de orientação egípcia é ter o Norte às costas. Os deslocamentos rumo ao Norte e Sul seguem essa mesma lógica e são explicados na linha 172.

- 101 
wh³ m-hr-jb=sn¹⁵² d^c
um tolo entre eles. (Mas,) uma tempestade
- 102 
pr(j.w) jw=n
sobreveio, (enquanto) estávamos no mar.
- 103 
tp-^{c153} s³h=n t³ f³(j).t¹⁵⁴
Antes de alcançarmos a terra, um vento ascendente
- 104 
t³w jr(j)=f whmy.t nwy.t
provocou uma vaga
- 105 
jm=f n.t mh 8 jn ht hwj
de 8 cúbitos. Um pedaço de madeira flutuou
- 106 
n=j s(j) h^c.n dp.t mw.t(j)
para mim e então o barco afundou.
- 107 
ntjw jm=s n(j)-sp w^c(j) jm
Daqueles que estavam a bordo, nem um restou,

¹⁵² Preposição composta: “em meio a (eles)/entre (eles)”.

¹⁵³ Preposição composta: “antes”.

¹⁵⁴ Particípio substantivado.

- 115 
nn nt.t nn st m-hnw=f
Não há nada que não exista nela, no seu interior,
- 116 
jw=f mh(.w) hr nfr.wt nb(.w)t
e ela está repleta de todas as coisas boas.
- 117 
m=k tw r jr(j).t¹⁶¹ 3bd hr
Eis que tu passarás mês após
- 118 
3bd r km.t=k 3bd 4
mês, até que tu completes 4 meses
- 119 
m-hnw n.jw pn.jw
no interior desta ilha. Aí
- 120 
dp.t r jj.t m hnw
um barco virá de casa e
- 121 
sqdw jm=s rh(.w)¹⁶² n=k
os tripulantes a bordo serão conhecidos teus.

¹⁶¹ Construção pseudoverbal: *r* + infinitivo (expressão de ação futura).

¹⁶² Estativo: “sendo eles conhecidos”. Uma alternativa viável seria: *rh.n=k* - “que tu (já) conheceste”. Canhão (2010b, p. 146) se contradiz ao optar pela segunda possibilidade de transliteração e traduzir conforme a primeira.

- 128 
ms(j).w=j hn^c snw=j n sh³=j n=k
minhas crianças e meus irmãos, sem te mencionar
- 129 
s³.t kt.t jnj.t(w) n=j m sš³ ch^c.n¹⁷⁰ sb³
a pequena filha que foi trazida para mim em uma prece.¹⁷¹ Então, uma estrela
- 130 
h³(j).w pr(j).n n³ m h.t m-^c=j¹⁷² hpr.n¹⁷³ r=s¹⁷⁴ nn wj hn^c(=sn)
caiu e eles se queimaram por causa dela. Acontece que, quando isso ocorreu, eu não estava com eles.
- 131 
šm.nj¹⁷⁵ nn wj m-hr-jb=sn¹⁷⁶ ch^c.n=j¹⁷⁷ mwt.kwj¹⁷⁸ n=sn gm(j).n=j
Eles arderam sem mim entre eles! Assim, eu fiquei mortificada por eles
- 132 
st m h³y.t w^c.t jr^c n=k d³r. jb=k
(quando) encontrei-os numa pilha de corpos. Se tu és bravo, controla o teu coração
- 133 
m^h=k qnj=k m hrd.w=k sn=k
e tu preencherás o teu peito com as tuas crianças!¹⁷⁹ Tu poderás beijar

¹⁷⁰ Verbo auxiliar.

¹⁷¹ São 75 serpentes até a chegada da filha.

¹⁷² Preposição composta: “por este meio, através disto”.

¹⁷³ Emprego temporal de *hpr.n*.

¹⁷⁴ Possivelmente uma referência específica à pequenina serpente: “quando aquilo lhe aconteceu”.



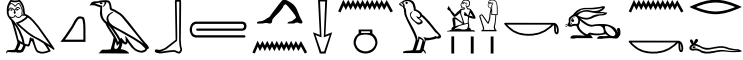



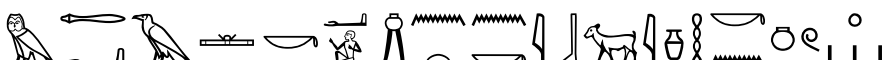
¹⁷⁵ O afixo *.nj* pode substituir os afixos de 3ª pessoa *.n=f*; *.n=s*; *.n=sn* nas conjugações do *sdm.n=f*. Ver BONNAMY; SADEK, 2010 [2009], p. 305. Atenção para o erro nesse dicionário, em que o *aleph* de *šm.nj* aparece como *ayin* *šm.ny*.

¹⁷⁶ Preposição composta: “em meio a, entre”.

¹⁷⁷ Verbo auxiliar.

¹⁷⁸ Estativo: “estando morto”.

¹⁷⁹ Uma forma poética de descrever o abraço que ele dará aos filhos.

- 134 
hm.t=k m33=k pr=k nfr st r (j)h.wt nb(.w)t
a tua esposa e rever a tua casa, e isto é melhor do que todas as coisas.¹⁸⁰
- 135 
ph=k hnw wn=k jm=f
Tu chegarás ao lar e ficarás lá
- 136 
m-q3b¹⁸¹ n sn.w=k wn=k rf
em meio aos teus irmãos!” Então, eu fui mesmo
- 137 
dm3.kwj¹⁸² hr h.t=j dmj.n=j
me curvando e toquei
- 138 
s3tw m-b3h=f dd=j rf n=k¹⁸³
o chão diante dela (e disse:). “Eu te digo
- 139 
sdd=j¹⁸⁴ b3kw=k n jtj (r)dj=j ss3=f
(que) contarei sobre o teu poder para o rei e farei com que ele fique informado
- 140 
m c3=k (r)dj=j jnj.t(w)¹⁸⁵ n=k jb(r)j hknw
da tua grandeza! Eu farei com que seja enviado para ti ládano,¹⁸⁶ óleo de louvor,¹⁸⁷

¹⁸⁰ Ou seja: “nada importa mais do que a família”.

¹⁸¹ Preposição composta: “em meio a/entre”.

¹⁸² Estativo: “estando estendido”.

¹⁸³ Seguimos a proposta de Vandersleyen, que não corrige *n=k* para *n=f* por entender que temos aqui uma transição de interlocutores, tal como ocorre nas linhas 73-74. Ver: VANDERSLEYEN, 1990, p. 1021.

¹⁸⁴ Radical verbal causativo.

¹⁸⁵ Forma passiva *sdm.tw=f*.

¹⁸⁶ *Cistus villosus*. A sua resina era usada na perfumaria.

¹⁸⁷ Um dos sete óleos sagrados. Ver: ALLEN, 2005, p. 22: essência do júbilo (*stj-hb*); óleo de louvor (*hknw*); óleo de pinheiro (*sft*); óleo de reunião (*nhnm*); óleo de suporte (*tw3tw*); óleo de cedro da melhor qualidade (*h3t.t-3s*); óleo líbio da melhor qualidade (*h3t.t-tmhw*). Geralmente eles são chamados “*mrh.t*”

- 141 
jwdbn ḥsꜣy.t snṯr n gs.w-pr.w
incenso-jwdbn,¹⁸⁸ bálsamo e o incenso dos tabernáculos,¹⁸⁹
- 142 
shṯp.w nṯr nb jm=f sdd(=j)¹⁹⁰ rf ḥpr.wt
que aprazem todos os deuses de lá. Eu então relatarei os acontecimentos
- 143 
ḥr=j m mꜣꜣ.t.n=j¹⁹¹ m bꜣw=<f>¹⁹² dwꜣ-nṯr=tw n=k
comigo e aquilo que eu vi do teu poder. Louvarão o deus por ti
- 144 
m njw.t ḥft-ḥr qnb.wt tꜣ r-dr=f¹⁹³ sft=j
na cidade perante os conselheiros de toda a terra. Eu sacrificarei
- 145 
n=k kꜣ.w m sb(j) n sd.t wšn.n=j n=k
para ti touros como oferenda de queima¹⁹⁴ e estrangularei para ti


em egípcio, um termo genérico para óleos vegetais, unguentos e perfumes. Cardoso (1998, p. 124; 127) traduz o termo como “azeite sagrado”. Faulkner (1991 [1962], p. 179) traduz o termo apenas como “um óleo sagrado”. Araújo (2000, p. 78-79) e Brancaglioni (2006, p. 170) mantiveram o termo no original fonético: “hekenu”.

¹⁸⁸ Uma planta não identificada cuja resina era utilizada como incenso.

¹⁸⁹ Normalmente essa passagem é traduzida como “incenso dos templos” (CARDOSO, 1998, p. 124; ARAÚJO, 2000, p. 78; BRANCAGLIONI, 2006, p. 170; CANHÃO, 2012, p. 18). Hannig (2006, p. 977) apresenta *gs-pr* como um santuário portátil. Trata-se de uma pequena estrutura que transita em procissões, carregada por sacerdotes.



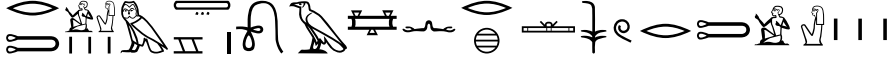



¹⁹⁰ A2 no lugar de A1. Talvez seja um erro do escriba (ERMAN, 1908, p. 2; 18) ou apenas um determinativo, com a omissão do pronome sufixal.

¹⁹¹ Forma relativa *sdm.t.n=f*.

¹⁹² A passagem *bꜣw=f* significa “poder dele”. O sufixo correto é *=k* (o teu poder). Cardoso (1998, p. 124) transcreveu o hieróglifo corrigido:  (V31). Brancaglioni (2006, p. 170, 185) e Canhão (2010b, p. 148) ignoraram a falha e reproduziram o erro, mas traduziram-no como “teu”. Poe (2010 [1996], p. 172) corrigiu a falha.

¹⁹³ Locução: “na sua totalidade, inteiro, todo”.

¹⁹⁴ Ver os comentários sobre a linha 56.

- 146 
špd.w (r)dj=j jnj.t(w)¹⁹⁵ n=k ḥ^c.w štp.w¹⁹⁶
aves. Eu enviarei para ti barcos carregados¹⁹⁷
- 147 
ḥr špss.w nb(.w) n km.t mj jr(j).t(w) n nṯr mrr
com todos os tesouros do Egito, conforme é devido a um deus que ama
- 148 
rmṯ m tš wš(j)¹⁹⁸ n(j) rh sw rmṯ
os homens, (mesmo estando) numa terra distante e desconhecida dos homens!"
- 149 
ḥ^c.n sbt.n=f jm=j m nn dd(.w).n=j¹⁹⁹ m nf m jb=f
Então ela riu de mim e daquilo que eu disse como (se fossem) tolices do meu coração.
- 150 
dd=f n=j n(j) wr n=k ḥntjw špr.t(j)²⁰⁰(m) nb snṯr
Ela me disse: "tu não terias mirra o suficiente,²⁰¹ mas serás feito um senhor do incenso.²⁰²
- 151 
jnk js ḥqš pwn.t²⁰³ ḥntjw n=j jm(j) sw²⁰⁴
De fato, eu sou o "Governante de Punt"²⁰⁵ e, quanto à mirra, ela (já) me pertence.

¹⁹⁵ Forma passiva *sdm.tw=f*.

¹⁹⁶ Estativo: "estando carregado".

¹⁹⁷ Igualmente válidos: "navios carregados com" (particípio) ou "navios de carga com" (genitivo direto).

¹⁹⁸ Particípio.

¹⁹⁹ Forma relativa *sdm.w.n=f*.

²⁰⁰ Estativo: "(tu) estando transformado".

²⁰¹ Lit.: "Tu não és/serás/serias grande de mirra".


²⁰² A serpente refere-se aos presentes que serão descritos nas linhas 162-165.


²⁰³ Frase nominal de identificação.


²⁰⁴ Um caso de prolepse numa construção possessiva.


²⁰⁵ Aqui, optei por manter o gênero original da serpente, no masculino. O termo *ḥqš* significa "governante", mas pode ser aplicado, igualmente, para descrever um regente ou mesmo um rei. Empreguei letra maiúscula em "Governante" como uma proposta de que esse título acumularia funções com o nome da serpente.

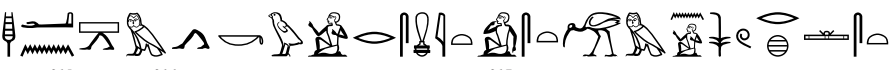
152 
hknw pf dd.n=k jnj.t(w)=f²⁰⁶ bw pw wr n jw pn
Aquele óleo de louvor que disseste que será enviado, ele abunda nesta ilha.

153 
hpr²⁰⁷ js²⁰⁸ jwd=k tw r s.t tn n(j)-sp
Além disso, quando tu partires deste local, nunca mais

154 
m³³=k jw pn hpr(.w)²⁰⁹ m nwy ch^c.n²¹⁰ dp.t tf
verás esta ilha, que se transformará em ondas. E assim, aquele barco

155 
jj.t(j) mj sr.t.n=f²¹¹ hnt ch^c.n=j²¹² šm.kwj²¹³
chegou, conforme fora previsto anteriormente. Eu então havia corrido

156 
rdj.n=j wj²¹⁴ hr ht c³j(.t) sj³.n=j ntjw m-hnw=s
e subido numa árvore alta e reconheci aqueles que estavam a bordo.

157 
ch^c.n²¹⁵ šm.kwj²¹⁶ r smj.t st gm(j).n=j sw rh(.w)²¹⁷ st
Assim, eu corri para avisá-la, mas descobri que ela já estava ciente daquilo.

²⁰⁶ Forma passiva *sdm.tw=f*.

²⁰⁷ Emprego temporal do verbo *hpr*.

²⁰⁸ Partícula enfática.

²⁰⁹ Forma relativa *sdm.w*; ou estativo: “estando transformado”.

²¹⁰ Verbo auxiliar.

²¹¹ Forma relativa *sdm.t.n=f*.

²¹² Verbo auxiliar.

²¹³ Estativo: “estando partindo”.

²¹⁴ Pronome dependente atuando como reflexivo (Lit.: “Eu me subi”). Ver as linhas 53 e 161.

²¹⁵ Verbo auxiliar.

²¹⁶ Estativo: “estando partindo”.

²¹⁷ Estativo: “estando ciente”.

158 


^ch^c.n²¹⁸ dd.n=f n=j snb.t(j)²¹⁹ sp 2 nds r pr=k m³ʒ=k

Então ela me disse: “Que tu tenhas saúde! Que tu tenhas saúde, pequenino!
(Vá) para a tua casa! Verás

159 

hrd.w=k jmj rn=j nfr m njw.t=k m=k hr.t=j

as tuas crianças! Faz o meu nome bom na tua cidade. Vês? Isto é o meu presente,

160 

pw jm=k²²⁰

(e o) que quero de ti.”

161 

^ch^c.n²²¹ rdj.n(=j) wj²²² hr h.t=j ^c.wj=j h³m(.w) m-b³h=f

E assim, eu me curvei e dobrei os meus braços diante dela.

162 

^ch^c.n²²³ rdj.n=f n=j sb.t m ^cntjw hknw jwdnb

Então ela²²⁴ me deu uma retribuição²²⁵ em mirra, óleo de louvor, incenso-jwdnb,

163 

hs³y.t tjšps š³csh msdm.t sd.w

bálsamo, cânfora,²²⁶ plantas-shaasekh,²²⁷ pigmento para os olhos, caudas

²¹⁸ Verbo auxiliar.

²¹⁹ Estativo (formulário de exaltação): “que (tu) estejas saudável”.

²²⁰ Frase nominal A-pw-B: “isto é a minha coisa (= o que eu quero) de ti”. Essa passagem responde às promessas de presentes feitas pelo náufrago entre as linhas 138-148.

²²¹ Verbo auxiliar.

²²² Pronome dependente atuando como reflexivo. Ver as linhas 53 e 156.


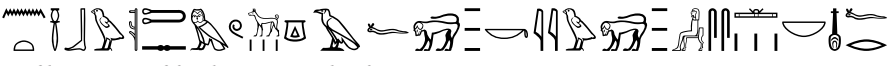



²²³ Verbo auxiliar.

²²⁴ A palavra “serpente” é masculina em egípcio. Daí a confusão com os pronomes na tradução.

²²⁵ O termo “retribuição” é usado porque a serpente presenteia o protagonista com um valor de importância equivalente àquilo que pediu ao náufrago nas linhas 159-160 (tornar o seu nome bom no Egito).

²²⁶ *Cinnamomum camphora*. Uma espécie de canela.

²²⁷ Pode se tratar de uma planta com funções medicinais, rituais ou cosméticas, ou mesmo uma especiaria. Certamente é algo nativo da região de Punt.

- 164 
n.w mmj mrry.t ^{c3}.t n.t sntr ndhy.t
de girafa, uma vasta quantidade de blocos de incenso,²²⁸ presas de elefante,
- 165 
n.t 3bw tsm.w g3f.w ky.w špss nb nfr
de marfim,²²⁹ cães, macacos²³⁰ e babuínos,²³¹ tudo de excelente qualidade.
- 166 
h^c.n²³² 3tp.n=j st r dp.t tn hpr.n²³³ rdj.n rdj.tw=j²³⁴ hr h.t=j
E então, eu os carreguei naquele barco e, quando eu estava curvado
- 167 
r dw3-ntr n=f^ch^c.n²³⁵ dd.n=f n=j m=k tw r spr²³⁶ r hnw
para louvá-la, então ela me disse: “Eis que tu chegarás ao lar
- 168 
n 3bd 2 mh=k qnj=k m hrd.w=k rnpy=k
em 2 meses. Tu encherás o teu peito com as tuas crianças, serás jovem
novamente²³⁷ e,

²²⁸ *Boswellia sacra*. Dada a promessa feita na linha 150, sugere-se aqui uma quantidade difícil de se contabilizar.

²²⁹ Ou seja, presas de marfim de elefante.

²³⁰ *Cercopithecus aethiops*.

²³¹ Trata-se do *papio hamadryas*, fauna nativa do litoral indico, abrangendo a região das atuais Eritreia-Etiópia, Somália e Iêmen. A análise de isótopos estáveis dos restos mortais de babuínos mumificados provenientes de inúmeros túmulos da XX dinastia (Reino Novo) identificam uma forte presença dessa espécie no Egito. Ver: DOMINY *et al.*, 2020.

²³² Verbo auxiliar.

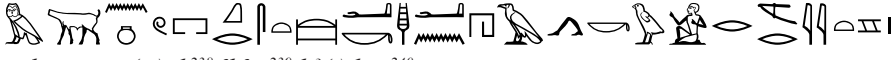




²³³ Emprego temporal do verbo *hpr*.

²³⁴ Forma passiva *s_{dm}.tw=f*.

²³⁵ Verbo auxiliar.

²³⁶ Construção pseudoverbal: *r* + infinitivo (ação futura).

²³⁷ Algo como: “terás uma vida nova”, no sentido de ter sido poupado da morte certa e de poder retornar ao lar.

- 169 
m hnw qrs.t(w)≠k²³⁸ ch^c.n²³⁹ h3(j).kwj²⁴⁰ r mry.t
no lar,²⁴¹ serás sepultado.²⁴² Depois, eu parti para a praia
- 170 
m h3w dp.t tn ch^c.n=j²⁴³ hr j3š n mš^c
nas proximidades daquele barco. Eu então saudei a tropa
- 171 
ntj m dp.t tn rdj.n=j hnk w hr mry.t n nb n jw pn
que estava naquela embarcação. Eu dei louvor, na praia, ao senhor daquela ilha
- 172 
ntjw jm=s r mjt.t jrj n^c.t pw jr(jw).n=n m hd(j)²⁴⁴
e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo.²⁴⁵ Enfim, navegamos para o norte²⁴⁶
- 173 
r hnw n jtj spr.n=n r hnw
para a Residência real.²⁴⁷ Nós chegamos ao palácio

²³⁸ Forma passiva *sdm.tw=f*.

²³⁹ Verbo auxiliar.

²⁴⁰ Estativo: “estando partindo”.

²⁴¹ Um termo que pode ser traduzido como lar ou pátria.

²⁴² Algo como: “após toda uma vida em sua terra natal, com a sua família, poderá, enfim, morrer sossegado”.






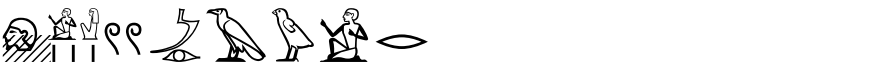
²⁴³ Verbo auxiliar.

²⁴⁴ Construção do tipo *sdm pw jrj.w.n=f* (“ouvir, foi o que eu fiz”). Lit.: “navegar, foi o que nós fizemos, para o norte”.

²⁴⁵ Le Guilloux (1996, p. 65, n. 83) acredita que a tripulação saudou o náufrago, não a serpente. Ele argumenta que não houve interações entre os marinheiros e a serpente. Possivelmente, a tripulação desembarcou e conheceu a serpente, uma vez que o náufrago dificilmente embarcaria todos os presentes sozinho. O conto não tem a pretensão de preencher todos os detalhes sobre a viagem.

²⁴⁶ Lit.: “rio abaixo”. Cardoso (1998, p. 128) manteve o termo literalmente (“navegou corrente abaixo”). Araújo (2000, p. 79), Brancaglioni (2006, p. 172) e Canhão (2012, p. 19) traduzem a expressão como “norte”. Graças a características geográficas do Egito, na língua egípcia, diz-se “rio acima” (*hntj*) e “rio abaixo” (*hdj*) quando se faz referência a deslocamentos no sentido Sul e Norte, respectivamente. Uma interpretação literal aqui é inviável, já que o barco está em mar aberto. Compare com os exemplos comentados na linha 85.

²⁴⁷ Ou seja, a capital do Egito, Tebas.

- 174 
hr 3bd 2 mj dd.t.n=f²⁴⁸ nb.t ch^c.n²⁴⁹ cq.kwj²⁵⁰ hr jtj
em 2 meses, tal como tudo o mais que ela havia dito. Então eu fui trazido ao soberano
- 175 
mjs.n=j n=f jnj.w pn jnj.n=j m-hnw n jw pn
e apresentei a ele aqueles tributos que eu trouxera do interior²⁵¹ daquela ilha.
- 176 
ch^c.n²⁵² dw3-ntj.n=f n=f hf.t-hr bn.t t3 r-dr=f²⁵³
Então, ele louvou os deuses por mim na presença dos conselheiros de toda a terra
- 177 
ch^c.n²⁵⁴ rdj.kwj²⁵⁵ r šmsw
Assim, eu fui feito seguidor
- 178 
s3h.kwj²⁵⁶ m
e recompensado com
- 179 
tp 200 m33 wj r-
200 servos!²⁵⁷ Olhe para mim após

²⁴⁸ Forma relativa *sdm.t.n=f*.

²⁴⁹ Verbo auxiliar.

²⁵⁰ Estativo: “estando entrando”.

²⁵¹ Um termo ambíguo que poderia ser traduzido também como “naquele reino insular” ou “na residência daquela ilha”.

²⁵² Verbo auxiliar.

²⁵³ Locução: “na sua totalidade, inteiro, todo”.

²⁵⁴ Verbo auxiliar.

²⁵⁵ Estativo: “estando concedido, feito”.

²⁵⁶ Estativo: “estando recompensado”.

²⁵⁷ Devido a semelhanças entre o símbolo hierático para o número 200 e o sufixo de terceira pessoa singular masculino =f, algumas versões falham em perceber o numeral. Posener (1976, p. 146) sugere que o erro fora cometido, originalmente, pela leitura feita por Blackman (1932, p. 47, linha 15) e que o lapso só foi corrigido pela versão de De Buck (1948, p. 105). Contudo, Blackman deve ter sido, na verdade, influenciado pela versão de Erman (1908, p. 23) que comete o mesmo erro e é mais antiga. O erro é

Referências bibliográficas

Internet

- DOMINY, Nathaniel *et al.* Mummified baboons reveal the far reach of early Egyptian mariners. *eLife* 2020;9:e60860. Disponível em: <https://elifesciences.org/articles/60860>. Acesso em: 20 fev. 2022. Doi: <https://doi.org/10.7554/eLife.60860>.
- LUCARELLI, Rita. Demons (benevolent and malevolent). In: DIELEMAN, Jaccob; WENDRICH, Willeke (ed.). *UCLA – Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles, 2010. Disponível em: <http://digital2.library.ucla.edu/viewFile.do?contentFileId=1688782>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- POE, William. *The writing of a skillful scribe: an introduction to Hieratic Middle Egyptian through the text of The Shipwrecked Sailor*. Santa Rosa, 2010 [1996]. Disponível em: http://www.egyptologyforum.org/bbs/Stableford/Poe%2C%20The_Writing_of_a_Skillful_Scribe_An_intr.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021.
- THESAURUS LINGVAE AEGYPTIAE. TLA. Disponível em: <https://aaweb.bbaw.de/tla/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

Referências

- ALBUQUERQUE, Pedro. Tartessos: entre mitos e representações. *Cadernos da Uniarq*, 6. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2010.
- ALLEN, James. *The ancient Egyptian pyramid texts*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
- ALTENMÜLER, Brigitte. Synkretismus in der Sargtexten. *Göttinger Orientforschungen IV*. Wiesbaden: Harrassowitz, v. 7, 1975.
- ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade*. Brasília: UNB, 2000.
- BLACKMAN, Aylward. *Bibliotheca Aegyptiaca, 2: Middle-Egyptian Stories*. Brussels, 1932, p. 41-47.
- BAKOS, Margaret. África Antiga: um enfoque histórico/historiográfico do relato ‘O conto do naufrago’. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 10, p. 64-76, 2017.
- BARD, Kathryn; FATTOVICH, Rodolfo. *Seafaring expeditions to Punt in the Middle Kingdom: Excavations at Mersa/Wadi Gawasis, Egypt*. Leiden: Brill, 2018.
- BARD, Kathryn; FATTOVICH, Rodolfo (ed.). *Harbor of the pharaohs to the land of Punt: Archaeological investigation at Mersa/Wadi Gawasi, Egypt, 2001-2005*. Naples: Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, 2007.
- BONNAMY, Yvonne; SADEK, Ashraf. *Dictionnaire des hiéroglyphes*. 2. ed. Arles: Actes Sud, 2010 [2009].
- BRANCAGLION, Antonio. O conto do naufrago. *Papiro Ermitage 1115. Tiraz*, n. 3, p.161-191, 2006.
- CANHÃO, Telo. *A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização – v. 1: tese de doutoramento em História Antiga*. Tese de doutorado, História Antiga, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2010a. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2461>. Acesso em: 29 dez. 2021.
- CANHÃO, Telo. *A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização – v. 2: anexos*. Tese de doutorado, História Antiga, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2010b. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2461>. Acesso em: 29 dez. 2021.

- CANHÃO, Telo. *Conto do naufrago: um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/45976>. Acesso em: 29 dez. 2021.
- CANHÃO, Telo. *Textos da literatura egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- CARDOSO, Ciro. Escrita, sistema canônico e literatura no Antigo Egito. In: BAKOS, Margaret; POZZER, Katia (ed.). *III JORNADA DE ESTUDOS DO ORIENTE ANTIGO: Línguas, escritas e imaginários*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998. (Coleção História, n. 20).
- COUYAT, Jean; MONTET, Pierre. Les inscriptions hiéroglyphiques et hiératiques du Ouâdi Hammâmât. *Mémoires publiés par les membres de l'Institut français d'archéologie orientale*, 34. Le Caire: L'Institute Français d'Archéologie Orientale, 1912.
- DE BUCK, Adriaan. *Egyptian readingbook*. Leiden: Nederlandsh Archaeologisch-Philologisch Instituut voor het Nabije Oosten, 1948.
- DERCHAIN-URTEIL, Marie-Therese. Die Schlange des Schiffbruchtiger. *Studien zur ägyptischen Kultur*, v. 1, p. 83-104, 1974.
- EDWARDS, Eiddon (ed.). *Oracular amuletic decrees of the late New Kingdom* (2 v.). London: Trustees of the British Museum, 1960.
- ERMAN, Adolf. Die Geschichte des Schiffbrüchigen. *Zeitschrift für Ägyptische Sprache*, v. 43-44, n. 1, p. 1-26, 1908.
- ESTEVES PEREIRA, Francisco. O naufrago. Conto Egypcio. *O Instituto*. Universidade de Coimbra, 1901, v. 48, p. 5-23.
- FACURI, Cintia. Literatura faraônica: três contos egípcios. *História e Culturas*, v. 3, n. 5, p. 89-103, jan.-jun. 2015.
- FAROUT, Dominique. Des expéditions en mer rouge au début de la XIIe dynastie. *Egypte, Afrique et Orient*, v. 41, p. 43-52, 2006.
- FAROUT, Dominique. La carrière du w mw Ameny et l'organisation des expéditions au ouadi Hammamat au Moyen Empire. *Bulletin de l'Institut français d'Archéologie orientale*, v. 94, p. 143-172, 1994.
- FAULKNER, Raymond. *A concise dictionary of Middle Egyptian*. 6. reimp. Oxford: Griffith Institute, 1991 [1962].
- FAULKNER, Raymond. Coffin texts spell 313. *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 58, p. 91-94, 1972.
- FLEMING, Fergus; LOTHIAN, Alan. *The way to eternity: Egyptian myth*. Amsterdam: Duncan Baird Publishers, 1997.
- GOLÉNISCHEFF, Vladimir. *Les Papyrus Hiératiques n. 115, 1116 A et 1116 B de L'Ermitage Impérial à St. Pétersbourg*. St. Petersburg: Manufacture des Papiers de l'Etat, 1913.
- HANNIG, Rainer. *Grosses Handwörterbuch Ägyptisch-Deutsch*. Mainz: Phillip von Zabber, 2006.
- HERZOG, Rolf. *Punt. Abhandlungen des deutschen Archäologischen Instituts Kairo. Ägyptologische Reihe*, 6. Glückstadt, 1968.
- HORNUNG, Erik. Der ägyptische Mythos von der Himmelskuh. *Orbis Biblicus et Orientalis*, 46, Freiburg, 1982.
- KEIMER, Ludwig. Sur quelques petits fruits en faïence émaillée datant du Moyen Empire. *Le Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, v. 28, p. 49-97, 1928.

- KITCHEN, Kenneth. Punt. In: HELCK, Wolfgang; WESTENDORF, Wolfhart. *Lexikon der Ägyptologie*, IV. Wiesbaden: Harrassowitz, 1982, col. 1198-1201.
- LE GUILLOUX, Patrice. *Le Conte du Naufragé (Papyrus Ermitage 1115)*. Angers: ISIS, 1996.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian literature: a book of readings*. Berkeley: University of California Press, 1973. (v. 1: The old and middle kingdoms).
- MANZO, Andrea. Bizw Pwnt in archaeological record: preliminary results and perspective of research. MICHELI, Ilaria (ed.). *Cultural and linguistic transition explored: Proceedings of the ATrA closing workshop Trieste*. May 25-26, 2016. Trieste: EUT, 2017.
- MARTÍNEZ, Marcos. Las islas de los bienaventurados. *Cuadernos de Filología Clásica*, Madrid, v. 9, p. 243-279, 1999.
- MASPERO, Gaston. *Les contes populaires de d'Égypte ancienne*. Paris: Maisonneuve, 1882.
- NIBBI, Alessandra. Remarks on the two stelae from the wadi Gasus. *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 62, p. 45-56, 1976.
- OBSOMER, Claude. Mersa Gaouasis sur la mer Rouge et les expéditions vers Pount au Moyen Empire. *Bulletin de l'Académie Belge pour l'Étude des Langues Anciennes et Orientales*, v. 8, p. 7-66, 2019.
- PEACKOK, David et al. *Myos Hormos – Quseir al-Qadim: Roman and Islamic ports on the Red Sea*. Oxford: BAR, 2011. (v. 2: Finds from excavations 1999-2003 – BAR 2286).
- PEREIRA, Ronaldo. Debatendo o conceito egiptológico de “demônio”: definições, evidências e continuidade. *Anos 90*, v. 28, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/106119>. Acesso em: 10 jul. 2023. Doi: 10.22456/1983-201X.106119.
- PEREIRA, Ronaldo. *Gramática fundamental de egípcio hieroglífico*. 2.ed. Lisboa: Chiado, 2016 [2014].
- PEREIRA, Ronaldo; ROCHA DA SILVA, Thais. O ensino da língua egípcia clássica no Brasil: desafios e possibilidades usando recursos digitais. *Linha D'Água*, v. 34, n. 2, p. 65-82, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/181534>. Acesso em: 14 set. 2022. Doi: 10.11606/issn.2236-4242.v34i2p65-82.
- PIANKOFF, Alexandre. *The litany of Re*. New York: Pantheon Books, 1964. Bollingen Series XL, 4.
- POSENER, Georges. Notes de transcription. *Revue d'Égyptologie*, v. 28, p. 146-148, 1976.
- RANKE, Hermann. *Die ägyptischen Personennamen*, 1. Glückstadt: J. J. Augustin, 1935.
- SAYED, Mahfouz. Les ostraca hiératiques du Ouadi Gaouasis. *Revue d'Égyptologie*, v. 59, p. 267-334, 2008.
- SAYED, Mahfouz. The land of Punt: problems of the archaeology of the Red Sea and the Southeastern Delta. In: HAWASS, Zahi (ed.). *EGYPTOLOGY AT THE DAWN OF THE TWENTY-FIRST CENTURY. Proceedings of the Eight International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000*. Cairo, New York: The American University in Cairo Press, 2003. (v. 1: Archaeology).
- SAYED, Mahfouz. Discovery of the Site of 12th Dynasty Port at Wadi Gawasis on the Red Sea Shore. *Revue d'Égyptologie*, v. 29, p. 138-178, 1977.
- SERVAJEAN, Frédéric. Où les reliefs d'Hatchepsout à Deir el-Bahari situent-ils le pays de 'Pount'? *Égypte Nilotique et Méditerranéenne*, v. 15, p. 139-179, 2022.
- SMITHERS, Paul. The Semna Dispatches. *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 31, p. 3-10, 1945.
- STEGBAUER, Katharina. Magie als Waffe gegen Schlangen in der ägyptischen Bronzezeit.

- Ägyptologische Studien Leipzig, 1, Leipzig, 2019. Disponível em: <https://books.ub.uni-heidelberg.de/propylaeum/catalog/book/529>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- STRABO. *Geography, Books XVI-XVII*. Trad. Horace Leonard Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1930. (Loeb Classic Library, 241).
- TALLET, Pierre. Les 'Ports Intermittents' de la Mer Rouge à l'Époque Pharaonique: caractéristiques et chronologie. *Nehet*, v. 3, p. 31-72, 2015.
- TALLET, Pierre. Les Égyptiens et le Littoral de la Mer Rouge à l'Époque Pharaonique. *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-lettres*, Paris, v. 153, n. 2, p. 687-719, 2009.
- TATERKA, Filip. Hidden in plain sight, or where to look for the mysterious land of Bia-Punt. *Chronique d'Égypte*, v. 96, p. 60-75, 2021.
- TATERKA, Filip. The secretary bird of Deir el-Bahari: one more piece to the puzzle of the location of the land of Punt. *Revue d'égyptologie*, v. 69, p. 231-249, 2019.
- VANDERSLEYEN, Claude. Pount sur le Nil. *Discussions in Egyptology*, v. 12, p. 75-80, 1988.
- VANDERSLEYEN, Claude. Ouadj-Our ne signifie pas « mer »: qu'on se le disse! *Göttinger Miscellen*, v. 103, p. 75-80, 1986.

Apêndice – Glossário



ꜥw

comprimento.



ꜥbw

marfim.



ꜥbd

mês.



ꜥpd.w

aves, gansos, aves domésticas.



ꜥm

queimar [2-lit.].



ꜥtw

ficar branco, empalidecer. Complemento negativo do verbo
ꜥyt [3-lit.] + hr.



3tpw

(variação de *3tpw*) carga; ou o particípio de carregar *3tp* [3-Lit.].



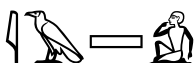
=j

eu, me, meu, mim. Pronome sufixal de 1ª pessoa do singular (comum).



j3rr.t

uva(s) (também como coletivo, vinhas).



j3š (š)

chamar [3-lit./2-lit.].



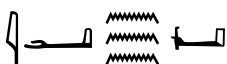
j3q.t

vegetal.



jj (jwj)

vir [verbo irregular].



j^cj

lavar [3-inf.] (imperativo *j^c*).



jw

partícula introdutória de oração subordinada adverbial (marcador).



jwj (jj)

vir [verbo irregular].



jw

ilha.



jwd

partir, ir embora, separar-se [3-lit.].



jwdnb

tipo de incenso.



jb

coração.



jb

pensar, desejar, acreditar [2-lit.].



jb(r)j (jbr)

ladanum (cistus villosus, var. creticus). Ládano, uma resina perfumada.



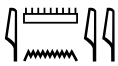
jm

em, de, com. Ao ser ligada a um pronome sufixal, a preposição “m” recebe o junco como suporte.



jmj

dar conceder, colocar, permitir. Forma imperativa de *rdj* [verbo irregular].



jmnj

Ameny, nome próprio.



jmn^{c3}

Amenaa, nome próprio.



jn

por (partícula introdutória do agente da passiva; marcador de discurso direto).



jn(j)

trazer, buscar, colocar, pôr [verbo irregular].



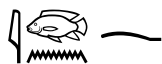
jn.w

presentes, tributos (sempre como plural).



jn-m (*n-m*)

quem?



jn(h)

sobrancelhas.



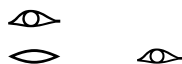
jnk

Eu. Pronome independente de 1ª pessoa do singular, comum.



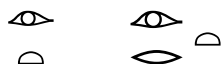
jr

se (partícula condicional).



jr(j)

fazer, agir [3-inf.].



jr.t

forma infinitiva de *jrj*.



jrj

disso, a esse respeito, em relação a algo (*nisba*).



jh

logo, portanto, então, de modo que (partícula).



js

de fato, mesmo (partícula enfática).



js.t

marujo, tripulante, marinheiro.



jqr

excelente, competente, hábil, esforçado, valoroso.



jtjt

gaguejar, balbuciar [4-lit.].



jtj

soberano, monarca.



jtj

levar embora, tomar, precisar [3-inf.].



c



braço, mão.



$^c.wj$ braços, mãos (dual).



$^c.t$ uma grande quantidade de algo.



$^c.nh$ vida, viver [3-lit.]



$^c.nh(.w) wd3(.w) snb(.w)$ possa ele viver, ser próspero e saudável, ou: “vida, prosperidade e saúde (v.p.s.) (formulário).



$^c.h^c.n$ verbo auxiliar empregado na continuação de narrativas: “e então (...)”.



$^c.ntjw$ mirra.



$^c.rq$ desdobrar (roupas), esticar [3-lit.].

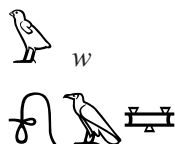


$^c.q$ entrar [2-lit.].



*c*d.t (*c*d)

a salvo, intacta.



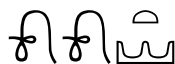
w³

distante, longínquo.



w³w

onda, vaga.



w³w³.t

Wawat (Baixa Núbia).



w³h

abandonar, deixar de lado [3-lit.].



w³d-wr

mar (lit. “o grande verde”).



wj

me, mim, pronome dependente, 1ª pessoa do singular, comum.



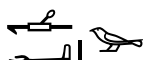
wꜥ

oh! (partícula exclamativa).



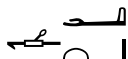
wꜥꜣ

um (wꜥꜣm nb – cada um deles).



wꜥꜣ(j)

ser um, ser só, estar solitário [3-inf.].



wꜥꜣ.t

portanto, logo, uma vez que.



wꜥꜣ(j)

abrir, dividir, separar [3-inf.].



wꜥꜣwꜣ.t (jꜣꜣwꜣ.t)

missão, afazeres, deveres, trabalho, serviço.



wꜥꜣn

ser, existir [2-gem.].



wꜥꜣmy.t

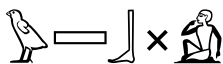
uivando continuamente (vento) – processo de continuação
(forma derivada de wꜥꜣm – repetir [3-lit.]).



wh³ tolo, inepto, ignorante, estúpido, incompetente.



wr grande, maior.



wsb responder [3-lit.].



wsd questionar, inquirir, perguntar [3-lit.].



wsn oferecer, ofertar [3-lit.].



wdf demorar, atrasar [3-lit.].



wd³ estar intocado, são, próspero.



b³w poder, grandeza.



b3h presença, frente (de).



bj3 região mineira.



bw local, lugar. Numa construção *bw wr* assume um sentido abstrato: “abundante”.



pw pronome demonstrativo. Marcador de frases nominais (partícula de cópula).



pwn.t Punt.



pf esse, aquele.



pn este.



pr casa.



pr(j) sair, ir, vir, chegar [3-inf.].



ph chegar, alcançar, atingir [2-lit.].



ph.wj fim, parte de trás.



p.t céu.



=f ele, dele, seu, -o, -lhe, -lo. Pronome sufixal de 3ª pessoa do singular, masculino.



=fj ele, dele, seu, -o, -lhe, -lo. Pronome sufixal de 3ª pessoa do dual, masculino.



f3(j)

suspender, levantar, erguer [3-inf.]; f3j t3w um vento ascendente.



m

Preposição: em, de, com, através de, como. Imperativo do verbo negativo *mj* (não faça!).



m3w

leão.



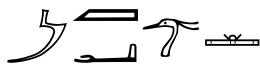
m33

ver, observar, olhar [2-gem.].



m3.t

aquilo/aquele que é visto (particípio perfectivo passivo de *m33*).



m3c

real, verdadeiro, genuíno.



mj

como, tal como, igual a.



mjt

conforme, similar, igualmente.



m-c

junto com, juntamente.



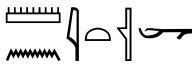
m-k3

bravo, valente, destemido.



mw

água.



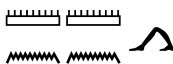
mnj.t

poste de amarração.



mmj

girafa.



mnmn

sacudir, abalar, agitar [4-lit.].



mr

doloroso.



ms (*ms*³) trazer, apresentar, encaminhar [2-lit./3-lit.].



mšc guerreiro, soldado, exército, tropa.



*m-q*³*b* em meio a



m=k veja! Observe! Eis (que) (partícula).



mwt morte, morrer [3-lit.].



mdw fala, discurso, dizeres, conversa, palavras.

~~~~~ *n*

~~~~~

n para, de, em, com a finalidade de, devido a, por causa de. Adjetivo genitivo *n(j)*. Afixo de conjugação indireta (*.n*).



n(j) não; partícula negativa.



=n nós, nos, nosso; pronome sufixal de 1ª pessoa do plural, comum.



n³ esses, aqueles.



njw.t cidade.



n(j)-sw pertencente a ele (locução adjetiva possessiva).



n^c.t expedição, navegação.



n.w de/dos; adjetivo genitivo masculino plural.



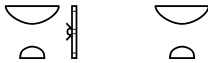
nwj água (como o oposto de terra), água potável. Onda (do mar), cheia, maré.





nb

dono, proprietário; senhor, mestre. Adjetivo distributivo masculino singular: cada, todo, qualquer, inteiro.



nb.t

dona, proprietária; senhora. Adjetivo distributivo feminino: cada, toda(s), qualquer, inteira(s).



nbw

ouro.



nf

tolice.



nfr

bom, belo, perfeito.



nfr.wt

coisas boas, coisas belas, coisas perfeitas.



n-m

quem?



nn

partícula negativa.

nn esses, aqueles, isso, aquilo.

nswt rei (do Egito).

n-sp nunca, jamais.

nhw perda, baixas, casualidades.

nhm resgate, salvamento.

nhd.wt dentes, presas (de elefantes).

nh.t força, forte.

nq(°).w(t) frutos maduros do sicômoro (plural).



nšn(j) mau tempo.



n.t de/da/das; adjetivo genitivo feminino singular/plural.



ntj quem, que, o qual, todo aquele que, cada um que, qualquer um que (adjetivo relativo masculino singular).



ntjw quem, que, os quais, todos aqueles que, quaisquer (adjetivo relativo masculino plural).



ntt quem, que, a qual, as quais, toda(s) aquela(s) que (adjetivo relativo feminino singular/plural).



ntr deus.



ntr.w deuses.



nds camponês, pequeno, baixo.



r para, sobre, de; de modo que, com a finalidade de. Marcador do grau comparativo (“do que”).



r(3) boca.



rf partícula enfática. Acompanha o imperativo para torná-lo menos rude.



rm.w peixes.



rm̄ gente, pessoas, a raça humana.



rn nome.



rnpw (*rnpw*)

ser jovem [4-inf.].



rh

saber, conhecer, aprender [2-lit.].



rs

mesmo, de fato (partícula enfática).



r-s³

após, depois.



rš

feliz, contente, alegre.



rk

então assim (partícula enfática).



rdj

dar, conceder, permitir [3-inf.].



rd.wj

pernas (dual).

 *h*



h3(j)

descer, cair, desembarcar [3-inf.].



h3w

redondezas, vizinhança.



hrw

dia.

 *h*



h3w

excesso, demasia.



h3.t

parte da frente, frente, testa, início, princípio.



h3tt

cabo de proa (nisba).



h3tj-c

toparca, governador de província, prefeito, líder ou governante de um complexo (cidade, fortaleza, porto, etc.).



ḥ^c carne, corpo.



ḥ^c.w navios, barcos.



ḥw(j) bater, conduzir, atingir, golpear [3-inf.].



ḥp.t o ato de abraçar. Infinitivo do verbo *ḥpj* [3-inf.].



ḥf3w serpente.



ḥm.t esposa.



ḥn^c (junto) com; e (conjunção).

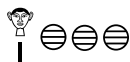


ḥr sobre, em cima de; e (conjunção).



ḥr

cara, face, rosto.



ḥr-ḥw

exceto, a não ser por.



ḥq^c

governante.



ḥknw

louvor, ação de graças.



ḥknw

óleo de louvor.



ḥtp

oferenda.



ḥd

ser branco, ser claro, ser brilhante [2-lit.].



ḥd-t³

alvorecer, aurora (o clarear da terra).

⊙ *h*



h3m

vênia, curvar-se respeitosamente.



hbsw.t

barba (divina).



hpr

transformar-se, manifestar-se, acontecer, ocorrer [3-lit.].



hpr.t

forma prospectiva relativa de *hpr*.



hft-hr

antes.



hm

ser ignorante, desconhecer.



hnms

amigo.



hnt

frente, antes, anteriormente.



hrw voz, ruído.



hrpw malhete.



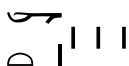
hr.t propriedade, pertences, posse(s).



hsbd (*hsbd*) lápis-lazúli.



ht madeira, árvore (substantivo masculino).



ht.w árvores.



h.t fogo, chama, lume.



h.t (*jh.t*) algo, coisa.



hd

navegar rio abaixo (ir para o Norte) [2-lit.].



h³y.t

corpos (plural de *h³.t*).



h³c

grandeza.



hnw

interior, lar, Residência real, capital do governo, Alto Egito, pátria, objetivo.



hr

sob, abaixo, debaixo, com.



hr.t

recompensa, retribuição.



hrd.w

crianças, filhos.



hs³y.t bálsamo.



h.t corpo, ventre.



=s ela, dela, sua, lhe, -a, -la; pronome sufixal 3^a pessoa do singular, feminino.



s homem.



s³ filho.



s³h retornar para, chegar a, alcançar [3-lit.].



s³.t filha.



s3tw chão, solo.



s(j) pronome dependente 3ª pessoa singular, feminino.



sj3 reconhecer [3-lit.].



sw pronome dependente, 3ª pessoa singular, masculino.



swrd desgastar (causativa) [caus.3-lit.].



sb3 estrela.



sb(j) perecer [3-inf.].



sbt (sbt) rir [3-lit.].



sb.t quantia, quantidade.



sp vez, ocorrer; permanecer [3-inf.]; *n(j)-sp*, nunca, jamais.



sp-sn (sp-2) duas vezes.



spr aproximar [3-lit.].



sft (sft) sacrificar [3-lit.].



smj.t o ato de reportar/informar. Infinitivo de *smj* [3-inf.].



=sn eles, deles, lhes, -os, -los; pronome sufixal 3ª pessoa plural, comum.



sn amigo, companheiro, irmão.



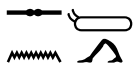
sn.w

amigos, companheiros, irmãos.



sn

beijar, cheirar, respirar [2-lit.].



snj

passar (por) [3-inf.].



snb

ser saudável [3-lit.].



snmw.t

Senmut



sntr (sntr)

incenso.



snd

temor, medo.



sndm

alegria, felicidade.



sr predizer, prever [2-lit.].



shṭp apaziguar, pacificar, aplacar (causativa) [caus.3-lit.].



shḥ lembrar, não esquecer, pensar, mencionar [3-lit.].



shw largura.



shpr trazer à vida, criar, produzir [caus.3-lit.].



shr (*shr*) recobrir, revestir [3-lit.].



ss cinzas.



ss(j) satisfazer (causativa) [caus.3-inf.].



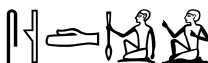
sš (*sh3w*) escriba, escrever [2-lit.].



sš3 prece, oração.



sš3 (*šs3*) experimentar, aprender, saber [3-lit.].



sqd marujo, remador, marinheiro, navegante.



st pronomes dependentes 3ª pessoa singular, feminino / comum.



st lá, ali.



s.t local.



stp;stp selecionado, seleção, escolhido, elite.



sd.w caudas.



sdm ouvir [3-lit.].



sdr deitar.



sd.t chama.



sdd relatar, narrar (causativa) [caus.2lit.].



ššꜥs perfume.



šw vazio.



šwy.t

sombra.



šps

preciosidade(s), riqueza(s), tesouro(s).



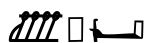
šm

ir [2-lit.].



šmsw

seguidor, cortesão.



šsp

pegar, tomar, apanhar [3-lit.].



šsp.t

melão.



šd(j)

pegar, levar [3-inf.].



q³b

interior, intestino, entranhas; *m-^{c3}b* em meio a.



qn ser forte [2-lit.].



qnj abraçar [3-inf.].



qnb.t corte de magistrados/ conselheiros.



qrj tempestade.



qrs.t sepultura.



=k tu, ti, teu, -te; pronome sufixal 2ª pessoa do singular, masculino.



k3 *ka*, personalidade espiritual, força vital; alimentos, fartura.



kʷ alto.



kʷ.w frutos verdes do sicômoro.



kʷ.w touros, bois.



kʷp abrigo, cabana.



.kwj terminação do estativo, 1ª pessoa do singular, comum.



ky.w babuínos.



kf(j) descobrir, destampar [3-inf.].



km completar, totalizar [2-lit.].



km.t

total, completo. Infinitivo de *km* (completar) [2-lit.].



km.t

Egito.



ktt

menininha, pequenina.



g



g³f.w

macacos.



gm(j)

achar, encontrar [3-inf.].



gmgm

quebrar, amassar, separar [4-lit.].



gs

lado, parte, metade.



gs.w-pr.w

santuários portáteis, tabernáculos.



tʿ

terra.



tjšps (tj-šps)

canela.



tw (tw)

tu, te, ti; pronome dependente 2ª pessoa do singular, masculino.



=tw

-se, alguém; pronome indefinido.



.tw

afixo passivo.



tf

essa, aquela.



tn esta.



tp sobre, acima.



tp(.w) pessoas (contabilidade).



tp^{-c} antes.



tʔw vento.



tʔm velar, cobrir com um véu [3-lit.].



=tn vós, vos, vosso; pronome sufixal, 2ª pessoa do plural, comum.



ṯsm.w

cães.



d3b

figo.



d3r

controlar, submeter [3-lit.].



(r)dj

dar, conceder, permitir [3-inf.] (ver *rdj*).



dw3

manhã.



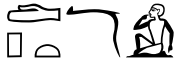
dw3-nṯr

louvar a deus, dar graças.



dwn

esticar [3-lit.].



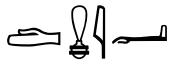
dp.t sabor, gosto.



dp.t barco, navio, embarcação.



dm³ curvar(-se) [3-lit.].



dmj tocar [3-inf.].



d³ broca de arco.



d^c tempestade.



db^{c.w} dedos.



dr limite, fim.



ds

adjetivo: próprio, mesmo; locução que compõe pronomes reflexivos, se combinado a sufixos pronominais.



dd

dizer, falar [2-lit.].

Numerais cardinais

I	1
II	2
III	3
IIII	4
IIII IIII	8
nnn	30
nn nn	40
nnnn nnn III	75
℞nn	120
℞℞	200

Recebido: 09/10/2022 – Aprovado: 14/06/2023

Editores Responsáveis

Miguel Palmeira e Stella Maris Scatena Franco